

de nossa identificação com Cristo, até atingirmos “o pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de ser humano perfeito, à ‘estatura’ da plenitude de Cristo” (Ef 4,13). Cada celebração se inscreve nesse processo e existe em função disso: trata-se da recriação de nosso eu segundo o Espírito de Deus¹⁵.

13- Sintetizando, podemos ficar com as seguintes definições de “espiritualidade litúrgica”: é a vida cristã que se nutre, amadurece, se aperfeiçoa e chega à maturidade (santidade) através da participação na liturgia¹⁶. É

A atitude permanente ou um estilo de vida cristão baseado na assimilação ou identificação com Cristo, produzidos pelo batismo e pela confirmação e a seguir nutridos pela plena participação na eucaristia, nos sacramentos em geral e na oração da Igreja (Ofício Divino, Liturgia das Horas); tudo isso no âmbito fundamental do ano litúrgico e seguindo o ritmo cíclico que lhe é próprio¹⁷.

Portanto, a espiritualidade não fica restrita ao momento celebrativo (perigo de “liturgismo”), mas tem na participação na ação litúrgica sua indispensável fonte, a partir da qual é irrigada toda nossa vida cristã, pessoal e comunitária.

14- Para celebrarmos com dignidade o 40º aniversário da SC, termino com uma sugestão desafiadora: assumamos, individualmente e como Igreja, o compromisso de pautar nossa vida espiritual na participação na liturgia; que os assim chamados “exercícios espirituais” (retiro, direção espiritual, revisão de vida etc.) se façam sempre tendo como referência principal a participação corporal/espiritual na liturgia.

Profa. Ione Buyst é Doutora em Liturgia.
Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia do Centro Universitário Assunção.

¹⁵ Cf. GOFFI, T. Homem espiritual. In: FIORES, S. de; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1989.

¹⁶ Cf. CERVERA, J. C. *Liturgia y vida espiritual*: curso de espiritualidad litúrgica fundamental. Madrid: Instituto de espiritualidad a distancia, adscrito al Teresianum de Roma, 1984.

¹⁷ AUGÉ. *Liturgia*: história, celebração, teologia, espiritualidade. São Paulo: Ave Maria, 1996, p. 339.

FOME ALÉM DA FOME BIOLÓGICA

Prof. Dr. Renold J. Blank

1. DAR COMIDA NÃO SACIA A FOME EXISTENCIAL

Estamos acostumados ao ouvir as estatísticas sobre o número das pessoas com fome. Conhecemos as fotografias de crianças famintas e concordamos que os seus autores sejam premiados, mesmo quando tal prêmio em nada contribui para a melhoria da situação daquelas crianças.

Estamos todos de acordo com iniciativas como o Fome Zero, e, quando solicitados, fundamentamos tais programas até com argumentos teológicos irrefutáveis.

Diante disso, poderíamos pensar que, passo a passo, a conscientização está aumentando e a fome diminuindo, e que isso se concluirá se não de imediato, pelo menos a médio prazo.

Enquanto, porém, ainda distribuimos cestas básicas e até elaboramos estudos sobre as causas estruturais e conjunturais da fome, somos de repente confrontados com uma manifestação de fome que nenhuma cesta básica e nenhum programa de alimentação poderá saciar:

- a fome pelo sentido;
- a fome por valores que ultrapassam nosso estômago;
- a fome pela felicidade que só poderia ser alcançada por experiências de amizade, de compaixão, de solidariedade e de convivência amorosa;
- a fome de ser reconhecido na dignidade de ser humano.

Enquanto ainda celebramos o sucesso dos programas diocesanos de alimentação, está crescendo diante de nossos olhos esta outra fome em dimensões sem precedentes. Ela não se expressa por crianças subnutridas nem através de imagens chocantes de mendigos. Mas é fome também, pior e mais

devastadora que qualquer fome biológica, porque é muito mais difícil de ser saciado, é muito mais difícil, até, de ser percebida; mas ela existe e está crescendo:

- a fome existencial pelo sentido;
- a fome de ser reconhecido como sujeito;
- a fome pelo amor e pelo calor humano;
- a fome por dimensões transcendentais.

Apesar de todos os esforços das religiões, esta fome está crescendo. E ela crescerá à medida que as religiões deixarem de apresentar alternativas convincentes em face de um sistema que, de um lado, incentiva a fome existencial e, de outro, apresenta respostas incapazes de a saciar.

2. A INDÚSTRIA DE CONSUMO INCENTIVA A FOME EXISTENCIAL PARA AUMENTAR O NÍVEL DE FRUSTRAÇÃO DAS PESSOAS

Enquanto os programas de superação da fome dão resultados, percebemos que, em escala cada vez maior, está crescendo a fome "existencial". Saciados na sua fome biológica, as pessoas, em vez de se tornarem mais felizes e equilibradas, continuam insatisfeitas e frustradas. A violência aumenta, a criminalidade aumenta, o consumo de drogas aumenta, e os ladrões, bem nutridos agora, em vez de pedir comida, pedem televisores, carros e dólares. A saciação da fome biológica não resolveu os problemas sociais; e à medida que nas massas empobrecidas são supridas as necessidades básicas crescem outras necessidades.

A fome além da fome biológica aumenta, e, consternados, constatamos que o ser humano, para ser feliz, precisa mais do que um estômago cheio.

Sem dúvida, é preciso superar a fome biológica. Ter comida suficiente faz parte do direito inviolável de todo indivíduo e nunca é demais repetir isso. A conscientização que se está fazendo hoje, em todos os níveis da nossa sociedade, é um sinal de esperança.

Ter, todos os dias, o que comer é direito de todos, e aqueles que já garantiram esse direito têm não só o dever, mas a obrigação absolutamente primária de cuidar daqueles que não têm comida. Têm o dever de dar comida, de providenciar possibilidades para ganhar comida, de criar estruturas que possibilitem a todos terem a sua refeição garantida.

O que se exige em nome dos direitos humanos se reforça em nome do Deus da vida, cujo projeto para este mundo é vida para todos (cf. Jo 10,10). E vida para todos implica comida para todos.

Mas vida para todos significa mais do que comida, e é aqui que começa o papel da religião e da Igreja. Sustentar e apoiar os programas contra a fome, sem dúvida, é essencial, mas para a religião isso não basta. Organizar a distribuição de alimentos nas paróquias é importante, mas com isso ainda não realizamos a nossa tarefa como Igreja e como cristãos.

É tarefa das religiões e de suas organizações começar a partir de já a elaboração de estratégias que, paralelamente aos programas de combate à fome, visem respostas aos desafios de uma fome que vai além do fisiológico.

Saciar a fome existencial exige programas de reformas estruturais em todos os níveis. Sem eles, os verdadeiros problemas continuarão existindo mesmo após a vitória contra a fome biológica.

Enquanto não se começar a superar as estruturas que rebaixam o ser humano ao nível de um objeto de consumo ou de uma força de trabalho, as pessoas comerão e a sua fome aumentará cada vez mais.

Conscientizar sobre esta problemática faz parte da contribuição religiosa para o melhoramento do mundo.

Tal conscientização, porém, confronta-nos exatamente com aqueles fatos que muitos gostariam de esconder. Ela nos confronta com estruturas e mecanismos escondidos, cujo objetivo não é a felicidade do ser humano, mas o lucro do sistema. Para maximizar tal lucro, criou-se todo um sistema de sedução que não pára de repetir as promessas de uma desenfreada sociedade de consumo: consumir mais para ser mais feliz, gastar mais para aumentar a própria auto-

estima, participar da ciranda de ter sempre novos produtos e novas necessidades artificialmente criadas a fim de satisfazer os anseios pessoais de mais felicidade, mais liberdade e mais reconhecimento social. Esses são alguns dos lemas de um sistema que em nível global se apresenta como solução de todos os nossos desejos, anseios, frustrações e necessidades: o sistema de consumo sem limites.

Na realidade, porém, tal sistema em nada se interessa pela solução dos problemas de seus integrantes.

3. O SISTEMA SOCIOECONÔMICO NÃO ESTÁ INTERESSADO EM SACIAR A FOME EXISTENCIAL

Para que a fome existencial possa ser saciada, assim foi dito no início desta reflexão, as religiões e as Igrejas devem, paralelamente à sua sustentação dos programas para a superação da fome biológica, oferecer respostas aos anseios existenciais das pessoas.

Esse, todavia, não é o interesse do sistema socioeconômico, pois este último tira proveito exatamente dos anseios existenciais das pessoas. É na fome pelo sentido que o sistema socioeconômico baseia as suas estratégias de venda.

Para que a ciranda do consumo gire, a fome existencial das pessoas e o nível de sua insatisfação precisam ser estimulados para níveis cada vez mais altos. Para que o consumo aumente, os consumidores devem ser mantidos num constante estado de frustração. Quanto mais frustrados estão, tanto maior será a sua inclinação em busca de caminhos que prometem saciar tal frustração. É nessa dinâmica que entra o sistema socioeconômico, pois ele oferece uma resposta às pessoas: o consumo.

Bom consumidor é o indivíduo frustrado antes e depois do ato da compra.

Fiel a esse lema, o sistema de consumo faz de tudo para manter o nível de frustração o mais alto possível, porque assim as pessoas compram na tentativa de saciar a sua fome existencial através das ofertas de produtos oferecidos. Mas quanto mais compram tanto mais serão frustradas. Isso por-

que o sistema, através de sua propaganda, produz sempre novos desejos e novas necessidades, os quais, por sua vez, exigirão a compra de novos produtos. É através desse mecanismo que o sistema se mantém. Os seus integrantes, porém, se vêm confrontados com um paradoxo insuperável: mesmo comprando ininterruptamente, a fome deles aumenta; ainda que pudessem satisfazer todo e qualquer desejo estimulado pela propaganda, o nível de sua insatisfação não diminuiria e a sua felicidade não aumentaria.

A razão para esse paradoxo se encontra na própria natureza do consumidor. Ele é humano, e, como tal, a posse de produtos não é capaz de saciar a sua fome existencial. Coisas não saciam a sua fome pelo sentido nem o seu anseio por uma felicidade plena. A sua busca por dimensões transcendentais não encontra nada na posse de produtos.

O sistema, porém, só oferece isto: produtos para encobrir uma fome que nunca conseguirá saciar. Mas ele usa a fome em proveito próprio. E para que os seus integrantes nunca se tornem conscientes do engano, do caminho errado que lhes está sendo sugerido, o sistema faz de tudo para impedir a conscientização, oferecendo todo tipo de substitutos.

4. O SISTEMA OFERECE SUBSTITUTOS PARA CRIAR PARAÍSO ARTIFICIAIS DE SATISFAÇÃO

Consciente de sua incapacidade de responder aos verdadeiros anseios existenciais, mas querendo impedir com todos os meios a conscientização sobre este fato, o sistema oferece respostas substitutivas. Por elas quer produzir a ilusão de ter produzido uma felicidade que realmente satisfaz. O lema para tal engano é a absolutização do prazer. Através de sempre novos e cada vez mais fortes estímulos de prazer, impede-se a conscientização sobre o fato de que a profunda insatisfação do ser humano não pode ser resolvida por nenhuma oferta de produtos do mercado.

Para impedir tal conscientização, para manter a ilusão de um prazer sem limites e sem fim, o sistema recorre de maneira sistemática a mais um mecanismo: o barulho.

Barulho do esporte, barulho da música, barulho de *shows* e *megashows* televisivos, com astros de todo tipo e para todo gosto, barulho de mega-eventos religiosos e profanos, rodeios e incentivos para aproveitar as mais vantajosas ofertas de todos os tempos. Reportagens sobre catástrofes, guerras e desastres naturais também servem.

E, em última análise, há ainda o sexo, o álcool e as drogas, que por sua vez impedem a conscientização e criam paraísos artificiais.

À medida que os integrantes do sistema, sejam eles pobres ou ricos, entram no esquema, sua fome é momentaneamente “anestesiada”.

Mas fome anestesiada não é fome saciada, e ela voltará a se manifestar de outra maneira, provocando uma insatisfação cada vez maior. O sistema quer exatamente isso, porque ali, de novo, oferecerá os seus produtos acima mencionados, e a espiral do círculo vicioso gira de novo e com velocidade maior, em proveito do sistema.

Assim podemos continuar, e à medida que as pessoas cada vez mais aceitam também a propaganda inerente de que tal situação é normal, que é assim mesmo, que não se pode fazer nada, a fome existencial aumentará até o ponto em que cada vez mais pessoas começarão a demonstrar sintomas patológicos.

Ali chegamos ao assim chamado *breaking point*, e quando isso acontecer, seja para o indivíduo, seja para segmentos inteiros da sociedade, teremos todo um exército de psicólogos, de psiquiatras e de assistentes sociais que serão acionados, o que, por sua vez, aumentará o fluxo de caixa e com isso o lucro.

É essa a lógica cínica de um sistema que não se interessa pela felicidade do ser humano, mas pela maximização do lucro.

Por causa disso faz de tudo para impedir a conscientização de que falamos acima, recorrendo nos seus mecanismos até mesmo à linguagem religiosa e a toda a sua simbologia.

5. O SISTEMA USA TAMBÉM O IMAGINÁRIO RELIGIOSO EM SEU PROVEITO

Diante de todos os mecanismos descritos, resta-nos no fundo só uma esperança: que a religião possa apresentar-se como contrapeso, criticando o pseudo-sentido oferecido pelo sistema e oferecendo respostas verdadeiras.

São as Igrejas que em nome de Deus devem levantar a sua voz e denunciar os abusos. São as religiões que podem responder aos anseios pelo sentido.

É em nome de um Deus da vida que elas podem oferecer respostas que saciem a fome existencial pelo sentido da vida.

A religião parece ser hoje a única força capaz de denunciar e de desmascarar o sistema descrito. Sistema anti-humano que se apresenta como humano. Sistema anti-religioso que se declara religioso. Sistema interessado na infelicidade do homem, mas que se apresenta como amigo e consolador.

Em vez de compreender e denunciar tal sistema, porém, muitos integrantes das Igrejas se deixaram seduzir pela lógica do próprio sistema.

Além dos caminhos mencionados acima, o sistema propaga como último recurso também a religião. Uma religião desengajada, é verdade; uma religião totalmente individualizada e emotiva, em cujo centro está o incentivo à busca de um “conforto espiritual”. Conforto esse que no fundo nada mais é do que a forma pseudo-religiosa da busca pelo prazer, propagada pelo sistema em todos os outros níveis também.

Para que tal conforto se alcance, recorre-se a todos os mecanismos da sedução, seja do indivíduo, seja das massas. *Megashows* religiosos, eventos emotivos, cerimônias pomposas e músicas que fazem chorar.

Só uma coisa não se quer: conscientização.

Cegados pela propaganda do sistema e impressionados pela quantidade dos participantes de suas festas religiosas, não só muitos cristãos se deixam enganar, mas também muitos dos seus pastores.

Todos eles e todas elas esqueceram a profunda advertência da narração da segunda tentação de Jesus (cf. Mt 4,5-7): não se deixar seduzir pelo barulho, mesmo quando tal barulho tem rótulo religioso. Todos eles se deixam deslumbrar pela tentação de querer imitar o sistema em vigor, criando por sua vez macroestruturas como este. Todos eles esqueceram que o modelo e único parâmetro de nosso agir não é a atitude orgulhosa de um poder globalizado, mas a humildade de um carpinteiro, no qual reconhecemos o Deus encarnado: Jesus, o Cristo.

A resposta que os homens de hoje precisam está no seguimento dele e não na imitação dos mecanismos pomposos das macroestruturas do poder. Tal fato se torna evidente quando analisamos o agir de Jesus, que nunca investiu e nunca incentivou a investir em tais macroestruturas.

6. JESUS, NA SUA PROPOSTA ALTERNATIVA AOS ANSEIOS EXISTENCIAIS, NÃO INVESTIU EM MACROESTRUTURAS PODEROSAS, MAS EM PEQUENAS COMUNIDADES

Em vez de comparar os números dos participantes dos eventos pseudo-religiosos, incentivados e sustentados pelo sistema, os integrantes das Igrejas cristãs precisariam se lembrar da atitude daquele no qual se apóiam: Jesus Cristo.

É fato interessante constatar que Jesus em nada se deixou seduzir pela propaganda de um sistema religioso e político, que também na sua época investiu no argumento da superioridade numérica de seus adeptos e na pompa de suas instituições.

Diante das macroestruturas pomposas, nós o encontramos no centro de microestruturas muitas vezes despercebidas. Pequenas comunidades alternativas dentro de macroestruturas cada vez menos capazes de deixar guiar-se pela energia afetuosa do amor. "Fermento na massa. Pequenas células capazes de sobreviver em todas as circunstâncias, revolucionárias na sua influência e no seu modelo de viver. Células transformadoras inseridas no mundo, que

influenciam este mundo de baixo para cima. Projeto alternativo para aquela época e também para hoje. Projeto que desde a sua formulação está numa tensão dialética com a tendência de qualquer poder de se organizar em macroestruturas. O projeto de Jesus não era um projeto de poder!" Era projeto alternativo contra todas as tentações de poder.

Diante de uma situação de fome existencial em que milhões de pessoas se sentem esmagadas pelas macroestruturas do sistema globalizado de consumo, somos chamados a voltar ao esquema de Jesus.

Diante de um poder administrativo para o qual o indivíduo, até dentro da Igreja, se torna nada mais do que um caso estatístico a ser resolvido, devemos recuperar a solução alternativa de Jesus. Sua solução baseou-se nas relações de cooperação vividas no interior de pequenos grupos e de pequenas comunidades.

É através delas que as pessoas recuperam o sentido de sua existência, vivendo experiências de solidariedade e de amor. Fazendo isso, nem o perigo de desenvolver estados de frustração existencial se põe para elas.

Essa sociedade em que ninguém pode mais ser quem é, porque as leis e as empresas e o chefe e a administração e os códigos de comportamento e mil outras instâncias definem quem a pessoa deve ser, e como ela deve ser, oferece para a religião a imensa oportunidade de poder dar ao homem novos espaços de liberdade e de solidariedade. Espaços onde cada um pode de novo ser quem é e pode também ser aceito e respeitado por todos.

Seguindo o exemplo de Jesus, a religião pode libertar do medo e da subsequente agressividade, mas também do egoísmo e do isolamento. Ela pode abrir-se para as pessoas, de tal maneira que até aqueles que caíram não serão repudiados, mas reanimados e recuperados.

Fazendo tais experiências, o homem de hoje poderá repetir a experiência das pessoas que se encontraram com Jesus e que nesse encontro se sentiam amparadas, aceitas e respeitadas sem objeção e sem condenação.

É esse um dos anseios do homem de hoje. Tantas vezes, no passado, também as religiões não fizeram nada, senão condenar, exigir, julgar e taxar.

À medida que elas, em vez disso, voltarem à atitude de Jesus abrirão espaços alternativos que saciam a fome existencial e respondem às frustrações das pessoas com respostas verdadeiras e convincentes.

Num sistema em que o indivíduo e a sua fome existencial nada mais são do que uma oportunidade para aumentar o lucro, as religiões estão sendo chamadas a esquecer as suas estruturas de poder e a descer até o nível concreto de seus integrantes. Não para administrar a vida deles com leis e regras, sanções e proibições; mas para ouvir os anseios deles e delas, para apresentar alternativas cujo objetivo não é o aumento do poder, a manutenção de seu próprio prestígio ou o crescimento do número de seus adeptos. Tampouco não se necessita, hoje, do restabelecimento de um regime uniformizado de neocristandade.

Em vez disso se buscam alternativas humanas. Alternativas que diminuem a dor, o isolamento e as frustrações causadas pela perda da solidariedade. Alternativas de compreensão e de convivência amorosa entre amigos. Alternativas que superam a solidão das pessoas. Alternativas em que não exista competição e agressividade, mas a aceitação de cada um como é; o reconhecimento de suas capacidades e a aceitação de suas fraquezas.

Em vez de, num mundo administrado de maneira cada vez mais totalitária, fazer também da religião a experiência de um sistema administrativo totalizante, os homens e as mulheres de hoje precisam viver a sua Igreja e a sua religião de novo como possibilidade de liberdade. Liberdade em que experimentam a sua dignidade como filhos e parceiros de Deus, convidados a colaborar com a construção de um mundo alternativo chamado Reino de Deus.

No mundo administrado de hoje, as pessoas vivem num esquema cada vez mais denso de leis, regras e proibições. No passado, também a religião cristã se apresentava da mesma maneira, com sanções, regras, leis e proibições. O grande desafio para esta religião e para todos os seus representantes é recuperar a verdade. Conforme Paulo, Jesus “ab-rogou (...) a lei, feita de mandamentos em forma de decretos” (Ef 2,15). À medida que as pessoas refizerem da religião

a experiência terapêutica do amor, em vez de se encontrar com um legalismo frio, esta mesma religião se tornará capaz de ser a grande alternativa contra um sistema interessado em produzir frustrações e coerções.

À medida que os homens e as mulheres de hoje redescobrirem a religião a partir deste ângulo, eles e elas redescobrirão um novo sentido na sua vida; uma nova dignidade e uma nova tarefa.

E à medida que descobrirem este sentido, a sua fome existencial será saciada por novas respostas, diante das quais as ofertas de pseudo-sentido, apresentadas pelo sistema globalizado de consumo, perderão toda atratividade. Elas serão desmascaradas por experiências em que as pessoas enfim poderão achar a si mesmas. Achando a si mesmas, podendo aceitar a si mesmas assim como são e sabendo que serão aceitas também pelos outros, as pessoas poderão novamente abrir-se para os seus irmãos e irmãs. Assim, reencontrarão também a Deus, e com isso acharão o último sentido de sua vida, sentido este que curará todas as suas feridas e saciará toda a sua fome.

A partir de uma tal experiência, não só é possível viver neste mundo sem ser frustrado e insatisfeito, mas também começar a transformá-lo conforme os critérios do amor e da solidariedade. Se Deus age conosco assim como Jesus diz, e se na experiência religiosa se repete um tal agir, então podemos começar a agir também fora da comunidade religiosa como nós o experimentamos nela.

E à medida que agirmos assim, aquele Deus que Jesus mostra se tornará presente neste mundo, se tornará visível, se tornará tocável, porque poderá ser experimentado no agir concreto daqueles que nele crêem. Esta maneira alternativa de viver será capaz de desenvolver também hoje a mesma força como aquela que, nos primeiros séculos, era capaz de subverter e de transformar as macroestruturas do Império Romano globalizado, que também em nada era interessado na felicidade dos seus integrantes.

Prof. Renold Blank é doutor em filosofia e teologia.
Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia no Centro Universitário Assunção.